

ENTRE A FÉ E A TRADIÇÃO: COSTUMES POPULARES REVELAM A RIQUEZA DA SEMANA SANTA NO BRASIL

MAIS DO QUE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, AS TRADIÇÕES DA SEMANA SANTA EXPRESSAM UMA ESPIRITUALIDADE PROFUNDA QUE UNE MEMÓRIA, DEVOÇÃO E IDENTIDADE RELIGIOSA

◆ Renata Moraes ◆

A Semana Santa ocupa um lugar central na vida dos cristãos e é considerada o ápice do calendário litúrgico católico. Nesse período são recordados os últimos momentos da vida de Jesus Cristo: sua entrada em Jerusalém, a paixão, a morte na cruz e, por fim, a ressurreição. Mais do que uma sequência de celebrações, trata-se de um tempo de profunda espiritualidade, marcado por símbolos, ritos e práticas construídos ao longo da história.

No Brasil, essas tradições ganharam características próprias. Herdadas da cultura europeia trazida pelos colonizadores, especialmente portugueses e espanhóis, foram ressignificadas ao entrar em contato com as culturas indígenas e africanas. Esse encontro deu origem a manifestações religiosas singulares, que combinam elementos da liturgia oficial da Igreja com expressões populares de fé.

Durante grande parte do século XX, a vivência da Semana Santa implicava mudanças concretas no cotidiano das famílias. O ambiente doméstico se transformava: evitavam-se músicas, festas e comportamentos considerados inadequados para um tempo de recolhimento. A Sexta-feira Santa, em especial, era marcada pelo silêncio, pela introspecção e por gestos de respeito.

Entre as práticas mais difundidas está a abstinência de carne, ainda recomendada pela Igreja. Mais do que uma escolha alimentar, trata-se de um gesto simbólico que remete ao sacrifício de Cristo e convida à penitência, à oração e à solidariedade com aqueles que sofrem.

Além disso, tradições como procissões, encenações da paixão de Cristo e ritos como o ofício das trevas permanecem vivas em diversas regiões do país. Em muitas cidades do interior, essas manifestações mobilizam comunidades inteiras, reforçando laços sociais e religiosos.

A reportagem ouviu o pesquisador Orlando Caldeira de Farias Junior, graduado em Geografia, mestre e doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), para compreender esse conjunto de práticas que revela a força do catolicismo popular no Brasil.

“Nos rincões do país, há certo distanciamento da estrutura institucional da Igreja, o que favorece o florescimento de formas próprias de vivência da fé. A Semana Santa se torna, nesses contextos, um

momento privilegiado de união comunitária e preservação de tradições ancestrais”, explica.

Segundo ele, esse fenômeno também está ligado à dinâmica das comunidades rurais, onde a transmissão de saberes ocorre de forma direta entre as gerações. “Essas práticas são mantidas não apenas por convicção religiosa, mas também por pertencimento cultural”, acrescenta.

ENTRE DOR, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: RAÍZES HISTÓRICAS DA DEVOÇÃO

Compreender as tradições da Semana Santa no Brasil exige um olhar atento à história social do país. As práticas religiosas não surgem isoladas, refletem experiências coletivas, conflitos e processos de transformação.

A pesquisadora Ellen Cristina dos Santos Oliveira, graduada em História, mestra e doutoranda em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, destaca que muitas dessas manifestações estão diretamente relacionadas ao período da escravização: “Durante esse tempo, o sofrimento de Cristo era frequentemente associado às dores vividas pela população negra. As celebrações da Semana Santa funcionavam como espaços de identificação e, em certa medida, de resistência simbólica”.

As procissões, por exemplo, não eram apenas atos de devoção, mas também momentos de encontro e



Imagem: Arquivo Pessoal

Ellen Cristina dos Santos Oliveira e Orlando Caldeira de Farias Junior.

expressão coletiva. “Esses rituais permitiam que as pessoas elaborassem suas experiências de dor e esperança dentro de uma linguagem religiosa”, explica Ellen.

Essa dimensão simbólica ajuda a entender por que determinadas práticas permanecem vivas até hoje: elas conectam passado e presente, fé e identidade.

O teólogo Fernando Altmeyer Junior, professor e assistente doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ressalta que a mistura entre fé e cultura é inerente à experiência religiosa: “A cultura popular acolhe elementos diversos e os ressignifica. As pessoas precisam de símbolos, ritos e gestos concretos para expressar sua espiritualidade. Isso faz parte da condição humana”.

Segundo Altmeyer é nesse contexto que surgem também as crenças populares, muitas vezes classificadas como superstições: “A vida humana é simbólica. As pessoas misturam religião, alimentação, festa e memória para dar sentido à existência. Isso não é um desvio, mas uma forma legítima de expressão cultural”.

Do ponto de vista acadêmico, essas manifestações são analisadas como fenômenos sociais complexos. Orlando explica que a Ciência da Religião não se propõe a julgar a veracidade das crenças, “O foco está em compreender como essas práticas impactam a sociedade. Se algo é vivido como real pelas pessoas, torna-se objeto legítimo de estudo”.

Ellen reforça essa perspectiva ao destacar que até mesmo as chamadas superstições têm valor interpretativo: “Elas revelam dimensões simbólicas importantes e ajudam a entender como a fé se manifesta no cotidiano. Ignorá-las seria ignorar parte significativa da experiência religiosa”.

TRADIÇÃO EM TRANSFORMAÇÃO: A SEMANA SANTA NAS CIDADES

Se no interior as tradições da Semana Santa permanecem fortes, nos grandes centros urbanos elas enfrentam desafios significativos. A urbanização acelerada, a secularização e a diversidade religiosa contribuíram para mudanças na forma como esse período é vivido.

“A partir da década de 1970, o Brasil passou por um intenso processo de urbanização. O contato com os meios de comunicação e o crescimento de outras

expressões religiosas contribuíram para o enfraquecimento de práticas tradicionais”, explica Orlando. Nesse contexto, muitas tradições deixaram de fazer parte do cotidiano das famílias urbanas. Isso não significa, porém, o desaparecimento da religiosidade, mas sua transformação.

Iniciativas comunitárias têm buscado resgatar e reinventar essas práticas, adaptando-as à realidade das cidades. Um exemplo é a encenação da paixão de Cristo no distrito de Pirituba, na zona noroeste de São Paulo (SP).

De acordo com Fernando Baptista, um dos organizadores, o projeto teve início em 2001, a partir da mobilização de coletivos culturais locais. “Começamos de forma simples, em um estacionamento, mas com o passar dos anos a encenação cresceu e se consolidou. Hoje é um evento que atravessa gerações e toca pessoas de diferentes crenças”, relata.

Atualmente realizada no Cantareira Norte Shopping, a apresentação também cumpre um importante papel social. “A Sexta-feira Santa é um dia de reflexão e o local facilita o acesso de todos. Em uma região com poucas opções culturais, esse evento gratuito se torna uma oportunidade de contato com a arte e com a espiritualidade”, afirma Baptista.

Além de preservar a tradição, a encenação amplia o alcance da mensagem cristã. “A história de Jesus, com suas dores e sofrimentos, é universal. Ela toca



Imagem: PUCSP

O teólogo Fernando Altmeyer Junior, professor e assistente Doutor da PUC.



Encenação da Paixão de Cristo 2024.

tanto os cristãos quanto aqueles que não seguem uma religião específica. É um momento de acolhimento e também de evangelização”, destaca ele.

Manter o espetáculo, no entanto, exige esforço contínuo. “Mobilizar elenco, equipe técnica e recursos financeiros não é simples. São muitos custos envolvidos, além da necessidade constante de inovação para manter o interesse do público”, explica Fernando.

O ESSENCIAL DA FÉ EM MEIO À DIVERSIDADE DE PRÁTICAS

Diante da diversidade de costumes e tradições, a Igreja Católica orienta os fiéis a manterem o foco no essencial: o mistério pascal de Cristo. As celebrações do Tríduo Pascal – Quinta-feira Santa, Sexta-feira Santa e Vigília Pascal – constituem o centro da vivência cristã.

Mais do que repetir práticas herdadas, a proposta é compreender o significado profundo desse tempo.

A Semana Santa é um convite à conversão, à oração e à renovação da esperança.

As tradições populares podem enriquecer essa experiência, desde que estejam alinhadas com o sentido central da fé. Quando bem compreendidas, ajudam a tornar visível aquilo que é invisível: o amor de Deus manifestado na entrega de Cristo.

Em um mundo marcado pela pressa, pelo excesso de informações e pela fragmentação das relações, a Semana Santa se apresenta como um tempo de pausa e reflexão, um convite a desacelerar, silenciar e reencontrar o essencial. Entre fé, cultura, memória e transformação, ela permanece como um dos momentos mais significativos da experiência cristã. Mais do que preservar costumes, trata-se de redescobrir seu sentido profundo e permitir que ele ilumine a vida cotidiana.

Assim, entre procissões, encenações, símbolos e histórias, permanece a mensagem central: a cruz não é o fim, mas o caminho que conduz à vida nova. ●